

O ESTUDO DA MORFOLOGIA URBANA E DAS TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS PRESENTES NAS CAPITAIS DOS ESTADOS BRASILEIROS

URBAN MORPHOLOGY STUDY AND ARCHITECTURAL TYPOLOGIES PRESENT IN CAPITALS OF BRAZILIAN STATES

¹MURILHA, Douglas

¹ Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos - UniFIO/FEMM.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é desenvolver uma série de estudos precisos e detalhados da morfologia urbana do traçado das vias e das tipologias arquitetônicas das edificações presentes em todas as capitais dos Estados Brasileiros e também analisar as relações que há entre as edificações existentes nos lotes (espaços privados) com a malha urbana presentes nas capitais. O período de análise temporal da morfologia urbana e das tipologias arquitetônicas e das transformações das capitais brasileiras será a partir do ano de 2000. O termo morfologia vem do grego (*morphé + lógos + ía*) que significa o estudo das formas de um determinado local. Para a análise da morfologia, seleciona-se um tecido urbano ou uma parte deste tecido urbano, ou seja, uma determinada região da cidade onde a partir daí, procede-se à análise de todos os elementos morfológicos que o compõem, tais como a topografia, as edificações, os lotes, os quarteirões, as fachadas das edificações existentes e as suas relações com a via pública. Na tipologia, trabalha-se com a análise da escala da edificação em si (microescala), diferentemente da morfologia urbana, onde se estuda a macroescala e as inter-relações dos elementos que constituem as cidades acarretando assim na paisagem urbana das mesmas. Em relação à metodologia de pesquisa, esta será através da coleta e análise de livros, documentos técnicos, mapas atuais em sites específicos, além da coleta e análise de imagens de satélites das capitais brasileiras. Quanto às análises e os métodos de pesquisa a serem adotados no trabalho com a coleta dos materiais citados anteriormente, estes serão semelhantes aos métodos que foram adotados pelos autores que desenvolveram uma série de estudos sobre morfologia urbana e tipologias arquitetônicas de áreas urbanas, tais como José Garcia Lamas, Kevin Lynch, Aldo Rossi e Maria Elaine Kohlsdorf.

Palavras-chave: Morfologia Urbana; Tipologias Arquitetônicas; Análise Urbana.

ABSTRACT

The objective of the research is to develop a series of precise and detailed studies of the urban morphology of the layout of roads and architectural typologies of buildings in all capitals of the Brazilian States and also to analyze the relationships that exist between the buildings existing in the lots (private spaces) with the urban network present in the capitals. The period of temporal analysis of urban morphology and architectural typologies and the transformations of Brazilian capitals will be from the year 2000. The term morphology comes from the Greek (*morphé + logos + ía*) which means the study of the shapes of a given location. For the analysis of morphology, an urban fabric or a part of this urban fabric is selected, that is, a certain region of the city where from there, the analysis of all the morphological elements that compose it, such as topography, the buildings, the lots, the blocks, the façades of the existing buildings and their relations with the public road. In the typology, we work with the analysis of the scale of the building itself (microscale), unlike urban morphology, where we study the macroscale and the interrelationships of the elements that make up the cities, thus resulting in their urban landscape. Regarding the research methodology, this will be through the collection and analysis of books, technical documents, current maps on specific websites, in addition to the collection and analysis of satellite images from Brazilian capitals. As for the analysis and research methods to be adopted in the work with the collection of the materials mentioned above, these will be similar to the methods that were adopted by the authors who developed a series of studies on urban morphology and architectural typologies of urban areas, such as José Garcia Lamas, Kevin Lynch, Aldo Rossi and Maria Elaine Kohlsdorf.

Keywords: Urban Morphology; Architectural Typologies; Urban Analysis.

INTRODUÇÃO.

O termo morfologia vem do grego (*morphé + lógos + ía*) que significa o estudo das formas de um determinado local. Do ponto de vista urbanístico, a morfologia pode ser definida como sendo o estudo da forma urbana ou o estudo dos aspectos exteriores do meio urbano, onde se coloca em evidência a paisagem e sua estrutura.

Na morfologia, seleciona-se um tecido urbano ou uma parte deste tecido urbano, ou seja, uma determinada região da cidade onde a partir daí, procede-se à análise de todos os elementos morfológicos que o compõem, tais como a topografia, as edificações, os lotes, os quarteirões, as fachadas das edificações existentes e as suas relações com a via pública, entre outros fatores do local, articulando-os entre si e vinculando-os ao conjunto que os definem.

Além disso, na morfologia, adota-se a escala urbana (da macro para a microescala) para a análise de todos os elementos que constituem as cidades. É comum, nos estudos da morfologia de um determinado local, a apresentação do processo evolutivo e das transformações da paisagem e do tecido urbano ao longo do tempo.

Em relação a tipologia, esta corresponde ao estudo dos tipos arquitetônicos de um determinado local. Este termo possui acepções arquitetônico-urbanísticas diversas, podendo designar um objeto a partir do qual são concebidas obras diferentes entre si; um padrão habitualmente produzido, comum a uma época e lugar específicos ou um objeto teórico que reúne em si as características elementares de certo elemento morfológico de um determinado espaço urbano.

Na tipologia, trabalha-se com a escala da edificação em si (microescala), diferentemente da morfologia urbana, onde se estuda a macroescala e as inter-relações dos elementos que constituem as cidades acarretando assim na paisagem urbana das cidades.

METODOLOGIA

Em relação à metodologia de pesquisa, esta ocorrerá através da coleta e análise de livros, documentos técnicos, mapas atuais em sites específicos, além da coleta e análise de imagens de satélites das capitais brasileiras.

A partir das fontes coletadas, as mesmas serão analisadas tendo como base os métodos de José Garcia Lamas, Carlo Aymonino, Gordon Cullen, Kevin Lynch, Aldo Rossi e Maria Elaine Kohlsdorf. Estes métodos de análise serão aplicados

igualmente para a análise do traçado urbano e das tipologias arquitetônicas, sendo este o objeto de estudo. Para a aplicação direta destas metodologias, serão utilizados mapas das capitais brasileiras, compreendendo o período que vai desde o ano de 2000 até o presente ano, para assim, analisar a partir destes mapas, o desenho do traçado urbano das mesmas ao longo do processo de expansão e desenvolvimento urbano durante este período, além de outros aspectos morfológicos.

Quanto à análise e estudo das diferentes tipologias arquitetônicas, também serão utilizados mapas, imagens de satélite de alta resolução, fotografias aéreas e fotos de edificações entre os anos de 2000 e 2020, para assim, entender com clareza a relação que há entre as edificações (espaços privados) com o traçado urbano e as praças (espaços públicos) e também identificar todas as características tipológicas e arquitetônicas das mesmas existentes nas capitais brasileiras durante este período.

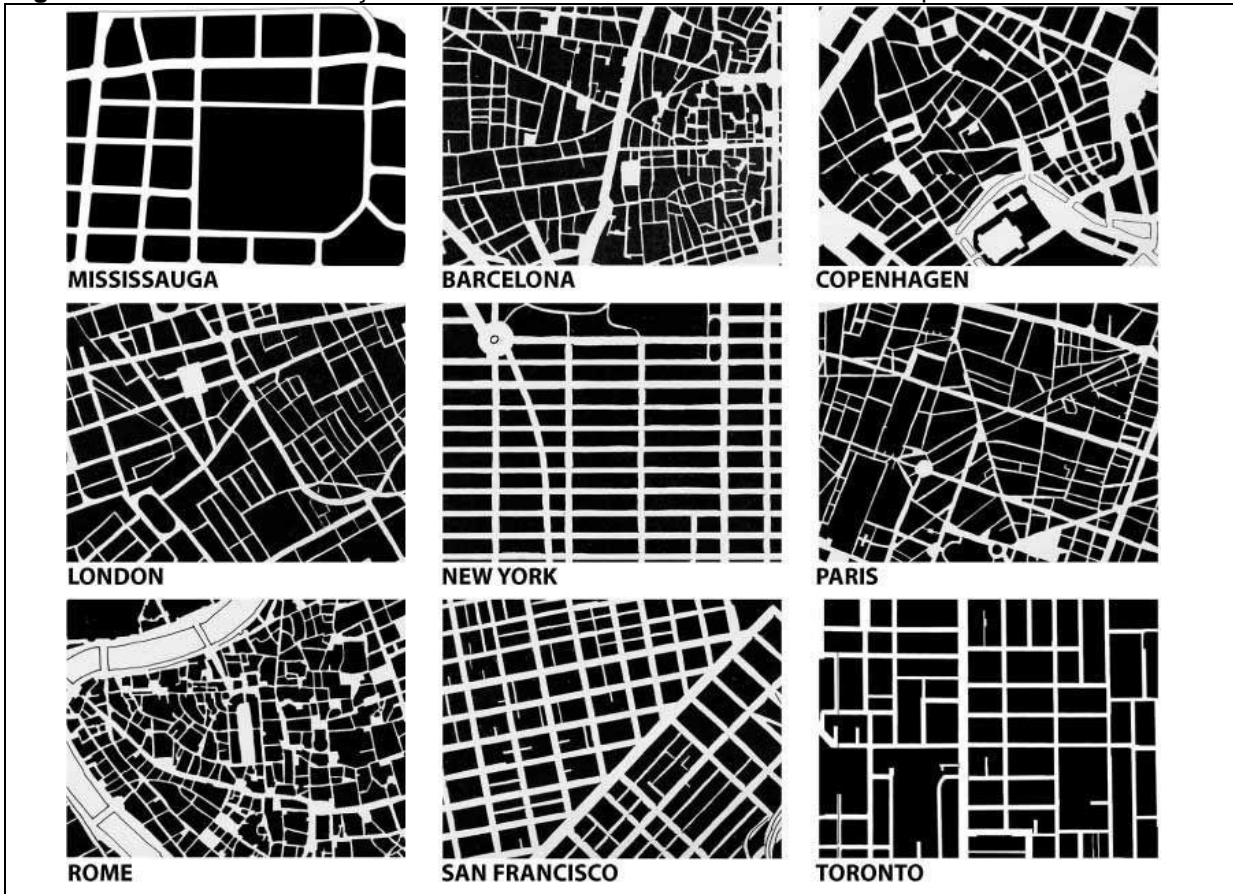
RESULTADOS E DISCUSSÃO.

De acordo com o artigo escrito pela arquiteta Solange Aragão (2006),

“os primeiros trabalhos sobre morfologia urbana surgiram na Europa em fins do século XIX, onde Schlüter estabeleceu a morfologia da paisagem cultural em contraposição à geomorfologia (ciência que estuda as formas do relevo), dando ênfase à análise da paisagem urbana nos países industriais. Ou seja, o estudo da forma urbana teve origem exatamente onde as cidades passavam por intenso processo de transformação - fato que atraiu o interesse dos estudiosos por suas implicações urbanísticas (sociais, espaciais, políticas e econômicas). Seu método consistia em uma descrição inicial exata da paisagem, seguida pela classificação e posterior análise de sua gênese e evolução a partir da paisagem primitiva natural” (ARAGÃO, 2006).

Esse autor, segundo a autora, considerava essenciais para a compreensão da paisagem urbana a análise dos planos urbanísticos, a tipologia edificatória e o estudo do parcelamento e uso do solo.

Figura 01 - Desenhos de Traçados Urbanos de diferentes cidades de outros países.



Fonte: Pinterest.

Segundo Solange Aragão (2006), no Brasil,

“os primeiros trabalhos de morfologia podem ser atribuídos a geógrafos como Pierre Monbeig e Aroldo de Azevedo, que se detiveram sobre o estudo das transformações das cidades, considerando fatores geográficos, históricos e socioculturais. Um dos trabalhos mais significativos de morfologia urbana, integrado às áreas da arquitetura e do urbanismo, ainda que não tenha recebido essa denominação, segundo Solange Aragão, foi o texto *Cidade brasileira*, de Murilo Marx, publicado em 1980” (ARAGÃO, 2006).

Já, para Aragão (2006),

“o autor caracterizou o sítio, o traçado, a conformação das cidades (algumas ainda lineares no período, outras possuindo contornos indefinidos), os vazios (as ruas, as praças e jardins públicos e particulares), as construções e outros aspectos. A paisagem é o resultado direto da forma urbana (das características do sítio, do traçado, das construções, da existência ou não de vegetação, do parcelamento do solo, dos logradouros, das praças e parques), sendo evidentes suas inter-relações” (ARAGÃO, 2006).

Outros conceitos e metodologias de análise de formas urbanas podem ser encontrados na Dissertação de Mestrado elaborada pela arquiteta Ângela Sallem

(2006), onde, neste trabalho, a autora descreve as metodologias aplicadas por autores que desenvolvem estudos sobre morfologia urbana com abordagens diferentes, tanto no Brasil quanto no Exterior. Segundo esta autora, “o ordenamento, a leitura ou a análise configurativa dos espaços são feitos a partir da decomposição do todo urbano em elementos básicos da morfologia, a qual, pode ser verificada na obra de autores como Gordon Cullen, Kevin Lynch e José Garcia Lamas”. De acordo com Sallem (2006), Gordon Cullen

“prega a leitura morfológica e o entendimento da imagem da cidade a partir da escala da rua. As categorias espaciais definidas por Cullen são a visão, o lugar e o conteúdo. Estas categorias se desdobram em subcategorias morfológicas do espaço urbano relacionadas aos conceitos de complexidade, acumulação e matéria. As subcategorias analíticas de Cullen se dividem em: cor, textura de edifícios, paredes e pavimentos, pormenores construtivos, elementos vegetais, mobiliário urbano e a arquitetura parasitária, esta última, entendida enquanto elementos postíços colados aos edifícios pormenores construtivos, elementos vegetais e mobiliário urbano. (Sallem, 2006).

Quanto à Kevin Lynch, a autora diz que este,

“defende a tese da existência de uma imagem coletiva da cidade, um denominador comum das inúmeras imagens pessoais de cada habitante. Estabelece para tanto, uma dialética entre a imagem que o arquiteto propõe para a cidade e a imagem percebida pelo cidadão. Lynch propõem que a análise dos efeitos dos objetos físicos perceptíveis do conteúdo das cidades, seja relacionada às suas formas. Estabelece para tanto a classificação do conteúdo urbano em cinco tipos de elementos: Vias: canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. Principal elemento de estruturação da imagem da cidade; Limites: podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região da outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram; Bairros/ Regiões: Áreas urbanas vistas como uma unidade homogênea, distinguindo-se de outras; Pontos Nodais/ Cruzamentos: locais de encontro das atividades vivenciadas na cidade e Marcos: elementos (sobretudo arquitetônico), que se destacam na paisagem da cidade. Seu uso implica a escolha de um elemento a partir de um conjunto de possibilidades” (Sallem, 2006).

Já, em relação a metodologia aplicada por José Lamas para o estudo da morfologia urbana, a autora relata que este autor,

“propõe que esse estudo seja feito a partir da análise dos elementos morfológicos - as “*unidades ou partes físicas que, associadas e estruturadas, constituem a forma*”, ou seja, o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, as fachadas, os logradouros, o traçado, as ruas, as praças, os monumentos, a vegetação e o mobiliário. Esses elementos devem ser articulados entre si e

vinculados ao conjunto que definem – “os lugares que constituem o espaço urbano”. José Garcia Lamas prega o estudo da morfologia urbana a partir da divisão do meio em “partes” – elementos morfológicos – e da articulação destes entre si e com o conjunto que definem. Lamas propõe aplicar ao espaço da cidade os mesmos métodos interpretativos da arquitetura, apontando como básicos os seguintes elementos da morfologia urbana: O solo-pavimento: a forma urbana não poderá ser desligada de seu suporte geográfico. Dimensão territorial, topografia, modelação do terreno, revestimentos e pavimentos, os degraus e passeios, as faixas asfálticas; Os edifícios – o elemento mínimo: é através dos edifícios que se constituem os espaços urbanos e se organizam os diferentes espaços edificáveis e com forma própria: a rua, a praça, o beco, a avenida; O lote – parcela fundiária: a forma do lote é condicionante da forma do edifício e consequentemente da forma da cidade; O Quarteirão: contínuo de edifícios agrupados entre si em anel ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro para a subdivisão de edifícios; A fachada: exprime as características distributivas (programas, funções, organização), o tipo edificado, as características e linguagem arquitetônica (estilo, expressão estética, época), conjunto de elementos que irá moldar a imagem da cidade; O logradouro: espaço privado do lote não ocupado por construção, as traseiras, o espaço privado separado do espaço público pelos contínuos edificados; O traçado, a rua: existem como elementos morfológicos nos vários níveis ou escalas da forma urbana. O traçado é um dos elementos mais claramente identificáveis na forma de uma cidade, define o plano intervindo na organização da forma urbana em diferentes dimensões. A rua adquire seu caráter a partir de suas características morfológicas, como largura, proporção revestimento e textura; A praça: espaço coletivo, elemento de grande permanência na cidade. A definição da praça na cidade tradicional tem estreita relação do vazio (espaço de permanência) com os edifícios, seus planos marginais e as fachadas. Estas definem os limites da praça e a caracterizam organizando o cenário urbano; O monumento: elemento morfológico individualizado pela sua presença, configuração e posicionamento na cidade e pelo seu significado. Desempenha um papel essencial no desenho urbano, caracteriza a área ou bairro e torna-se polo estruturante da cidade; A árvore e a vegetação: canteiro, árvore de rua, parques urbanos – estruturas verdes – que constituem elementos identificáveis na estrutura urbana. Caracterizam a imagem, tem individualidade própria, desempenham funções precisas. São elementos de composição e desenho urbano, servem para organizar, definir e conter espaços e O mobiliário urbano: elementos móveis que “mobíliam” e equipam as cidades: o banco, o cesto de papeis a sinalização, quiosques, bancas, abrigos de ônibus. Por fim, podemos relacionar os elementos morfológicos identificáveis a cada escala do espaço urbano: Escala da rua: edifícios com suas fachadas e planos marginais, traçado, estrutura verde; desenho do solo e mobiliário urbano; Escala do bairro: esta constituída pela adição de formas a escala inferior e pode ser reconhecida por meio do traçado, das praças, dos quarteirões, dos monumentos e das áreas verdes e Escala da cidade: elementos morfológicos identificados com os bairros, com as grandes estruturas viárias e com as zonas verdes quando relacionadas aos suportes geográficos e a estrutura física da paisagem” (Sallem, 2006).

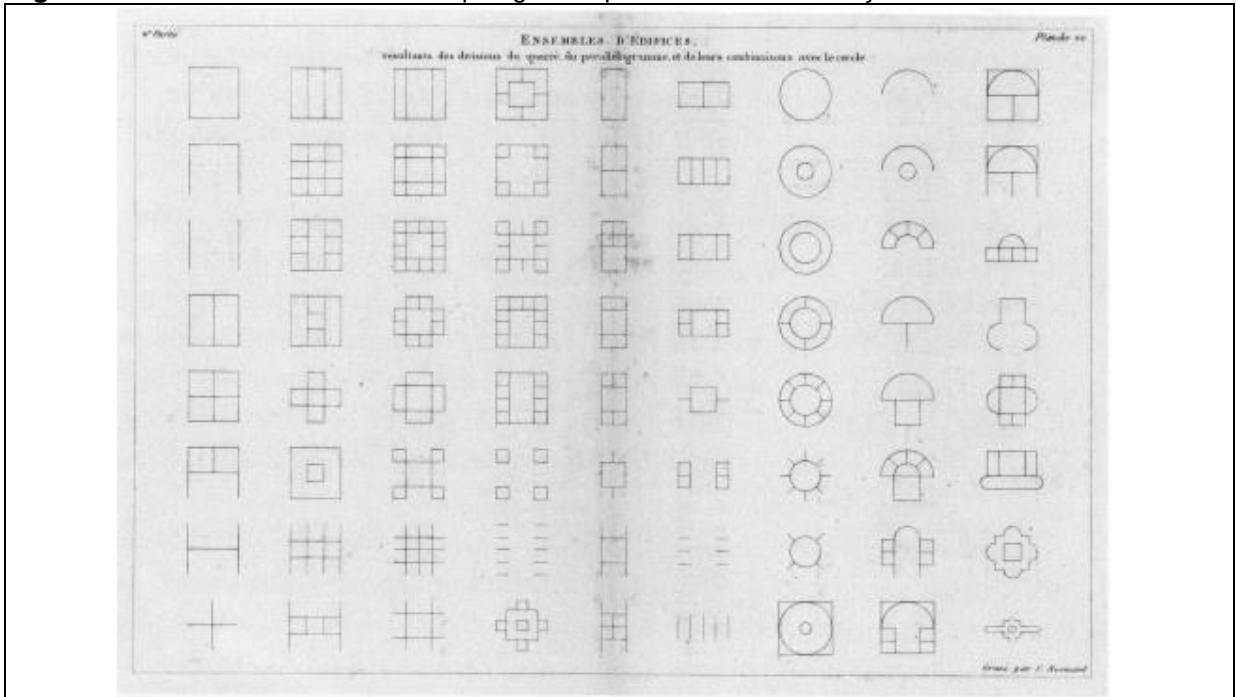
Diferentemente dos conceitos e metodologias de análise da morfologia urbana citadas nos trabalhos elaborados pelas arquitetas Solange Aragão e Ângela Sallem, há também uma outra maneira de realizar esta análise da morfologia urbana das cidades. Esta outra análise da morfologia urbana pode ser efetuada utilizando a

abordagem desenvolvida no trabalho da arquiteta Maria Elaine Kohlsdorf (1996). Nesta abordagem, efetuada no trabalho desta arquiteta, foram desenvolvidas seis categorias morfológicas estruturais que ao se articularem realizam a síntese dos traços de identidade de certo lugar, tais como a

“Categoria Sítio Físico – situa-se no contexto da paisagem natural, participando ou se ausentando da configuração dos lugares. Está relacionada com elementos do meio físico, natural ou construído pelo homem. Pode ser estudada pelas formas do relevo do solo, de um conjunto de árvores e arbustos, pelo sistema hídrico, por peculiaridades climáticas etc; Categoria Planta Baixa – dá-se pelo corte analítico no espaço estudado, projetado ortogonalmente no plano horizontal. A configuração de planta baixa deixa-se ler por meio de alguns elementos de análise: tipos de malhas, tipos de parcelamento e relações entre cheios e vazios; Categoria Conjunto de Planos Verticais – trata-se do estudo da composição das projeções ortogonais no plano vertical, ou seja, pela análise de cortes e fachadas, e efeitos conhecidos como silhuetas, perfis ou skylines das cidades. As silhuetas das cidades expressam claramente os tipos de relações morfológicas entre diferentes lugares e suas características como por exemplo: cidade x meio natural, centro urbano x bairros, etc. A análise de silhuetas precede um estudo de pontos de observação relevantes, como mirantes. Através dela pode-se traçar linhas de coroamento (contorno da paisagem), de pontuações (contrastes de altura) e de força (polarizações); Categoria de edificações – caracteriza-se pela observação dos atributos morfológicos dos edifícios, os quais são importantes caracterizadores de assentamentos urbanos e pelos traços fisionômicos dos lugares. Trata-se de uma das mais complexas categorias, pois além de estudos volumétricos, considera as relações inter-volumétricas, as relações da edificação com o lote e com o espaço público, a configuração de fachadas, as dimensões, o zoneamento, as aberturas, os materiais, cores, texturas; a composição, as coberturas, a forma, etc; Categoria Elementos Complementares – expressa-se pelos demais elementos configuradores da cidade, considerando tanto as pequenas edificações (quiosques, guaritas, abrigos etc.), como o “mobiliário urbano” (quiosques, bancos, luminárias, placas de sinalização, letreiros etc; Categoria Estrutura Interna do Espaço – constitui-se como a síntese das categorias anteriores. A estrutura interna do espaço das situações estudadas sintetiza as demais categorias (espaço físico, planta baixa etc.), construindo, assim, atributos segundo uma unidade. Nesta categoria são realizados estudos das relações do todo com as partes, da inserção no entorno imediato, das conexões entre as partes e da constituição plástica das unidades morfológicas” (Kohlsdorf, 1996).

Diferente da Morfologia Urbana, onde são efetuados estudos em escalas urbanas (macro-escalas), na tipologia, “são analisados os tipos edificatórios, que não abrangem apenas os edifícios, mas os muros, as ruas, os pátios, os jardins e outros elementos morfológicos, como afirma Aymonino”. (ARAGÃO, 2006).

Figura 02 - Desenhos de diferentes Tipologias Arquitetônicas de Edificações.



Fonte: Vitruvius.

Conforme descrito no trabalho de Solange Aragão (2006), o trabalho de Carlo Aymonino que foi desenvolvido na cidade de Pádova,

“estuda a possibilidade de se estabelecer uma relação entre as características morfológicas da cidade e as individualidades tipológicas de alguns edifícios, avaliados sob a ótica temporal. Aymonino desenvolveu conceitos importante como os de “tipo” e “tipologia” e suas influências nas formações urbanas. Outra perspectiva importante no trabalho de Aymonino é o entendimento dos fenômenos urbanos através de análises temporais de suas inter-relações morfológicas. Ele prega que para se compreender o verdadeiro significado das cidades e promover uma atuação urbanística conscienciosa, é necessário se mostrar, a partir de uma série de análises específicas, às transformações urbanas através do tempo” (ARAGÃO, 2006).

Ainda, conforme cita Aragão (2006),

“o primeiro tratadista a formular teoricamente o conceito de tipo, e estabelecer diferenças em relação ao modelo, foi Quatremère de Quincy, em Paris, no final do século XVIII: “A palavra ‘tipo’ não representa tanto a imagem de uma coisa que deve ser imitada à perfeição, mas a idéia de um elemento que deve servir, por si mesmo, de regra a um determinado modelo (...). O modelo, entendido em termos de prática da arte, constitui um objeto que deve ser repetido de forma exata; por outro lado, o tipo é um objeto a partir do qual podem ser concebidas obras totalmente diferentes entre si. No modelo, tudo é dado e definido com precisão; no tipo, tudo é mais ou menos impreciso” (ARAGÃO, 2006).

Aragão também relata que “essa definição foi retomada por historiadores e arquitetos como Aldo Rossi, Aymonino e Panerai no século XX, sendo empregada muitas vezes como ponto de partida para a teorização necessária ao estudo dos tipos. A distinção entre modelo e tipo tornou-se imprescindível com a introdução do Movimento Moderno e a questão da produção de moradias em série – que exigiu inclusive o emprego de outro termo: o arquétipo”.

Em relação aos primeiros trabalhos de análise tipológica, ligados diretamente à morfologia urbana, que estabeleciam relações entre os tipos, o contexto urbano e o período histórico, estes foram desenvolvidos segundo Aragón (2006) por Saverio Muratori, na Itália, na década de 1950. De acordo com a autora,

“Muratori fundou a escola italiana de tipologia ao desenvolver um estudo sobre o tecido urbano de Veneza, propondo um método morfológico de análise para o entendimento da arquitetura. De seus estudos, decorreram três lições essenciais: o tipo não se caracteriza à margem do tecido construído; o tecido urbano não se caracteriza à margem do estudo do conjunto da estrutura urbana e o estudo da estrutura urbana só se concebe em sua dimensão histórica” (ARAGÃO, 2006).

Solange Aragón também cita trabalhos de análises tipológicas efetuadas por autores que estudam este assunto, tais como Carlo Aymonino e Aldo Rossi. Segundo a autora,

“nos estudos de Aymonino e de Aldo Rossi, os elementos que compõem a forma urbana são identificados com os tipos construtivos e os edifícios são classificados segundo sua forma e função, estabelecendo-se uma relação dialética entre os tipos e a forma da cidade. Se por um lado, os tipos determinam a forma urbana, por outro lado, a forma urbana os condiciona. Não obstante, o conceito de tipologia – em sua acepção moderna – tende a definir-se de modo independente em relação à morfologia urbana. Aldo Rossi entende que a arquitetura da cidade está vinculada a sua importância formal e ao apelo a uma continuidade histórica. Para tanto, prega que a recuperação da dimensão arquitetônica das cidades deva passar pela estruturação da organização física do tecido urbano e pela combinação de elementos morfológicos. Este autor, segundo Aragón (2006), reforça a importância da utilização das escalas urbanas estabelecidas pelo recorte das “partes” que caracterizam determinado espaço e a partir das quais se pode ler, analisar, projetar ou planejar a estrutura urbana, o qual estabelece, três ordens, ou escalas diferentes: Escala da rua: menor porção do espaço com forma própria. É a escala que permite a identificação das “partes” da forma; Escala do bairro: corresponde as partes homogêneas identificáveis que podem englobar a totalidade. É a partir da escala do bairro que a área urbana existe

verdadeiramente e Escala da cidade: é configurada pela articulação de suas partes, de seus elementos estruturantes, dos bairros ligados entre si” (ARAGÃO, 2006).

Já, quanto aos estudos das tipologias arquitetônicas que foram efetuados no Brasil, Solange Aragão (2006) diz em seu artigo que “o estudo dos tipos prosseguiu com as publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com artigos elaborados por autores como Lúcio Costa, Vauthier, Robert Smith e Luís Saia, sobre a arquitetura civil, oficial e religiosa do Brasil”. (ARAGÃO, 2006).

Além dos artigos que foram publicados por estes autores citados no artigo de Solange Aragão, a autora também relata o estudo de um renomado arquiteto brasileiro, Nestor Goulart Reis Filho. De acordo com a autora, foi através do livro elaborado pelo arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, intitulado de *Quadro da Arquitetura no Brasil*, que o estudo dos tipos apareceu claramente articulado diretamente ao estudo da forma urbana das cidades.

Neste livro, Nestor Goulart Reis Filho demonstra as relações entre a arquitetura e o tipo de lote em que está implantada. Conforme descrito por Aragão (2006), “não é difícil constatar que os lotes urbanos têm correspondido, em princípio, ao tipo de arquitetura que irão receber: os lotes medievo-renascentistas à arquitetura daqueles tempos, os lotes mais amplos do século XIX e início do século XX às casas com jardins particulares e, finalmente, as superquadras à complexidade dos programas residenciais recomendados pelo urbanismo contemporâneo.” (ARAGÃO, 2006).

O texto de Nestor Goulart demonstra que por meio do estudo dos tipos de habitação, relacionados ao lote e à estrutura urbana, pode-se caracterizar paisagens diversas, de épocas distintas, relata Aragão em seu artigo.

CONCLUSÃO

Ao analisar e estudar de forma criteriosa as fontes coletadas, pode-se notar que os autores desenvolvem uma série de estudos a respeito da morfologia urbana e das tipologias arquitetônicas das cidades internacionais, em especial as principais cidades européias, notando-se que os mesmos utilizam uma série de métodos para compreender como as cidades foram se desenvolvendo ao longo da história, desde a sua fundação até os dias atuais.

Quanto a contribuição e repercussão no campo do conhecimento científico, este trabalho será uma fonte rica de pesquisas para todos os pesquisadores, professores, alunos e leigos que posteriormente, tenham interesse em aprofundar e desenvolver mais estudos e pesquisas sobre morfologia urbana e tipologias arquitetônicas em outras cidades brasileiras, como também, em cidades internacionais, para, a partir daí, ampliar os estudos neste campo do conhecimento científico, contribuindo assim para a produção científica brasileira e para o conhecimento e aprendizado de todos.

REFERÊNCIAS.

- AYMONINO, C. **O significado das cidades**. Coleção Dimensões n. 15. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- CULLEN, G. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian & Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1992.
- LYNCH, K. (1982). **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- LYNCH, K. (2007). **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- RIBEIRO, J. O. S. **Evolução Urbana**. Rio de Janeiro, 1993.